

# SOUSA MARTINS



RICARDO JORGE

RC  
MNCT  
92  
JOR

## Ricardo Jorge

O Doutor Ricardo de Almeida Jorge, figura de renome universal como escritor e como sábio, nasceu no Porto em 9 de Maio de 1858. Frequentando a Escola Médico-Cirúrgica daquela cidade, ali se formou, em 1879, com prêmios em todas as cadeiras, entrando para o seu corpo docente ainda antes de completar os 22 anos. Em 1882 fundou, com Cândido de Dinho e Miguel Artur, a "Revista Científica" e, daí em diante não deixou mais de dar às letras portuguesas o seu labor, publicando mais de 250 volumes.

Entre as suas obras pròpriamente literárias, escritas num estilo muito característico, " másculo, preciso e eloquente", contam-se os estudos sobre o Greco, Rodrigues Lobo, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão e Camões, os volumes de impressões "Canhenho dum Vagamundo", "Passadas de Erradio", "Sermons dum leigo", "A propósito de Pasteur", etc.

O elogio de **Sousa Martins**, que constitui o presente número da "Bibliografia Literária", foi proferido na Sessão de 8-11-1897 da Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Porto, e publicado na "Gazeta Médica" daquela cidade.



BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

# SOUSA MARTINS

Rc

MNET

92

JOR

Génio e virtude são uma dualidade rara e santa — a liga sem preço, o metal de Corinto dos eleitos. O coronal do homem superior, sob o qual inteligência e carácter se caldeiam a fogo vivo, é como lente possante de farol, que sobre largo horizonte cõa a sua luz redentora; maldita a morte que a súbitas sopra esse clarão augusto até o apagar no fogo-fátuo dum cemitério.

Desse silêncio cósmico em que a surdez fera da natureza deixa emudecer as vibrações mais elevadas, não há outro desforço humano senão a sua prolação póstuma na alma saudosa dos que sobrevivem. Ao expirar dos patriarcas antigos, curvavam-se os seus sobre os lábios arquejantes da agonia a colher o espírito que se exalava no derradeiro arranco. Na esteira desse rito piedoso, transfunda-se agora em nós o hausto vivificador dum inteligente e dum justo. São essas parcelas redivivas, espólio dum exemplo e dum nome, as que promovem a mais sólida e benéfica immortalidade àquele que se finou, cortejado pela saudade e pela admiração de tantos.

A immortalidade não é apenas a relíquia do valor pessoal do extinto; sem o culto póstumo, sem o fervor dos

adeptos, não há peanha que a carcoma do tempo não derrube prestes. Essa adoração sagrada, e só ela perpetua, não seja porém um evemerismo étnico à busca de vã antropologia; não, que ao fundir-se em nós — vá lá a imagem dos videntes do invisível — o *preespírito* das almas idas, como que se opera uma simbiose fecunda, se tal termo pode aplicar-se à sinérgia de vida e morte. Vivemos dos que foram, dos que polarizaram a nossa existência com a sua orientação poderosa. E sem nebulas tanatológicas e metempsicoses subtis, o meu pensamento está em bem pouco; é que os mortos nos pagam as lágrimas e as lembranças, nos compensam os esforços para resgatar-lhes a perpetuidade.

Se entre nós, médicos portugueses, for repartida a fímbria da mortalha desse que se chamou Sousa Martins, cada pedaço dela será para cada um divisa e talismã. Evoquemos a sombra daquele que foi um mestre de ciência e um guia de consciência, nas quebras e nos apertos desta profissão angustiada e perigosa. Evoquemos nós, a quem por força da própria posição social corre o dever de nutrir um patriotismo inteligente, a sombra venerável dum dos grandes portugueses deste findar de século, não se sabe se precursores duma idade que desabrocha sorridente, se raios vespertinos dos que vêm dourar o ocaso duma nacionalidade que se enteva.

Não há túmulo, escreveu impertinente Mery, onde não incida uma glorificação grande ou pequena. A morte é por via de regra uma lustração e uma sagração, um perdão e uma apoteose. Estou a fazer-me um deus, foram as últimas palavras dum imperador romano. Há nessa reacção sentimental um movimento louvável de bondade humana, um altruísmo quase religioso a esponjar iniquidades ou rigores: mas quantas perversões o não obliteram!

Uns encolhem filosóficamente os ombros perante o trespassse; dirão de bom grado com o verso de Espronceda — «Un cadaver a mas que importa al mundo?» Quem dura, vale pela sua serventia utilitária, quem acabou, para que

importa? Poderá lisonjear-se o que desbarata benefícios; quando a mão cai inerte, para quê beijá-la?

Outros desentranham louvores agora, ao que antes desdenhavam e até deprimiam; não faz sombra a ninguém o cipreste; o capaz de brandir ferro, tantas vezes envenenado, na luta feroz da existência, larga-o para baloiçar turíbulo. Rubricas gloriosas só em epitáfio; não se consintam aos presentes. Quem no decurso de uma vida inteira se viu de contínuo alanceado, ora das harpias cravadas no pescoço, ora das serpentes de Laocönte entrançadas no pulso, ora das alfinetadas a dissecar-lhe o tendão de Aquiles, motra de frente nua: coroa, a de espinhos, que a de louro, só a caveira há de cingí-la. Hossanas, só quando há a certeza de que já se não ouve, de que a caixa do tímpano é ninho de guzanos; e sorte teve ainda na vida de além-túmulo, se lhe confirmam esse quinhão de glória; porque, nesta pátria única nas ingratidões, não se furta só a glória aos vivos, até aos mortos se ratinha. O sudário é pesado e opaco como o chumbo do caixão.

Não sei nem digo que esta má psicologia colectiva se apropósito inteira para o Sousa Martins de ontem e de hoje. Parece até que factos recentes vêm mostrar uma tendência nova, o despertar dum espírito de justiça a clarear as negruras do nunca assás danado olvido lusitano.

Mas o que se não diga, é que nós aqui, romeiros de homenagem a uma illustração, somos apenas dos turiferários do *requiem æternum*. O primeiro acto de vida da nossa Sociedade foi uma oblata ao grande médico; o nosso primeiro vagido foi uma saudação ao eminente representante de Portugal no congresso de Veneza, onde o nosso país viu um filho seu barba por barba com o melhor que lá mandou a Europa culta.

Por mim não venho planger nébias de encomenda. O meu tributo, humilde mas desinteressado, dei-lho em vida, e dei-lho com a firmeza dum crente e a efusão dum entusiasta. Tracei-o em linhas escuras como a mão e a pena

donde vinham, mas onde fosforecia o coração que as ditava. Subjugara-me aquela superioridade grandíssima, e dizia-o com o calor da verdade que se compraz em si mesma.

E nessa estesia de todo o sentir com que tamanho homem me avassalara, até não faltava a gratidão. A gratidão, nem já sei, se esta palavra tem hoje usança condigna. Supô-la desenraizada do coração alheio, seria injúria feroz; mas quando ela assoma aos lábios recalca-se para o peito. É desaire proferi-la, e não sei até se professá-la, por snobismo de independência, por temor de abjecção; que não vá toldar os entendimentos áticos ou arranhar os caracteres pespontados. Seja para as almas servís o dizê-la.

A que eu nutria, vinha entre outras causas, dumas frases escritas, que por um momento me estremeceram de júbilo íntimo que não foi de imbecil vaidade, porque nunca ninguém as ouviu nem soube.

Conta-se que Sousa Martins, ao voltar da visita solicitada pelo Bouchard, não tivera mão em si que não preferisse esta frase reveladora: «Ora passei meia hora que me consola de muitas injustiças e dissabores». Sousa Martins experimentara essas dores de alma, as da sem razão mesquinha. Se a ele nem a consciência da sua grandeza lhas linimentava, quanto não serão cruéis para os mais pequenos!

*Non ignarus malis*, socorria os míseros com palavras de elogio e de incentivo, por toda a parte onde via o vestígio duma aptidão e duma vontade. E quem uma vez as colhia daquela boca, tão verdadeira como generosa, sonhava ouvir o anjo da anunciação, e sentia-se invulnerado para todos os martírios e torpezas.

Quando evoco a figura inânime de Sousa Martins, mal posso compreender que aqueles lábios, donde se desatava o caudal da palavra, se pregassem para todo o sempre. Acode-me a passagem mística de S. Paulo sobre o primeiro justo! *Defunctus adhuc loquitur*—depois de finado fala ainda. Imagino que se não quebrou o encanto daquela voz

sem par que calava todas. Singular condão, e tal que por muito que se engrandecam as qualidades sobrelevantes de Sousa Martins, era de todas a eloquência a que mais lhe preluzia e mais o caracterizava. *Erat verbum* — era o verbo feito homem.

Nada mais belo que vê-lo e ouvi-lo, quando se lhe incendeia a frase. A boca franzida em omega, a boca de oiro, desprendia-se em modulações fonéticas, tanto em destaque sobre o palavrear comum, como um trecho de Wagner sobre o vosear das multidões. E na cabeça transfigurada estacava-se o cabelo ouriçado em eflúvio como se o cérebro subjacente na atrição velocíssima da ideia e do verbo fosse foco de potencial eléctrico.

A zona do hemisfério, donde borbulha a linguagem, devia ser alentada em circunvoluções; que pena que se não examinasse *post mortem* aquele encéfalo privilegiado, é de presumir que, como no de Gambetta, lhe avultassem em aleijão hipertrófico as pregas da linguagem. Só num Mongibello podia escachoar aquela palavra vulcânica que não nos refegos vulgares de qualquer crosta.

Máquina poderosa de emissão de fonemas, tangia-a e animava-a um espírito onde a actividade intellectiva se eleva ao máximo, onde as riquezas da ideação se não esgotavam nunca. O seu falar era a corporalização bizarra e imaginosa do pensamento; nem laivos sequer dos ingrânzeus de retórica assoprada, ou das hidrorreias de palavra chilra. Não que Sousa Martins extensa e intensamente se cultivava; talento de pujante envergadura, não encontrava limites de capacidade; a locução era o ducto por onde soberbamente se partejava a fecundidade assombrosa da intelligência.

Não havia ali intercadências; constantemente uma espontaneidade inexaurível, uma facilidade inverosímil; nem padecia das quebras de Cícero, nem precisava dos tratos de Demóstenes.

Não escasseiam neste país meridional duma língua sonora e bela, eficaz para mover e doce para pronunciar,

como dizia o clássico, oradores de pulso. Há-os de toda a gama — oradores clássicos e académicos, modernos e veementes, singelos e embrincados, sugestivos e dialécticos. Mas Sousa Martins, salvo o efeito oratório, que não podia ser maior, tinha uma naturalidade de emissão e uma prontidão de improviso em tal grau que não creio que não tenham sido jamais excedidas por orador algum. Por toda a parte onde tinha de desprender a língua, nas lições da cadeira, na discussão académica, ou na palestra das rodas, por toda a parte era o mesmo, sempre facundo, sempre brilhante.

Ora duma exposição lúcida de ensino, no melhor feitio didascálico; ora em lances de arrebatamento vibrante, quando o entusiasmo por uma doutrina, por um descobrimento, o empolgava; ora em dialéctica cerrada, ilaqueando o contendor nas volutas da argumentação; ora esfusiante de graça, tão peculiar à sua feição, ou soberbo de ironia percuciente; ora em pareneses de sabedoria como um catequista, ou em unção religiosa a consolar doridos.

Dum tom mais familiar ao mais patético, nunca se lhe viu fazer gala dum dom que o estremava; nem atitudes hieráticas, nem posturas de pontificado. Não calçava os coturnos altos de grandeza teatral; nivelava-se com todos; nem forçava ninguém a trepar ao estrado do seu trono para admirá-lo ou dobrar o joelho. Nunca se enfeitou do preponderantismo, que tantas vezes macula os possuidores de engenho; e nesta isenção regeitou anfiteatro talhado à sua voz demosténica. Auditório queria o dos seus discípulos, dos seus colegas, dos seus amigos e até dos seus clientes. Despontando do peito as garras do abutre da ambição, não desbaratou na praça pública a palavra, que como a do Sinai, podia dominar ou estrondear das multidões.

E, porque repudiou a popularidade da população, não assombrou os presentes, nem durará nos vindouros, o seu gigantismo oratório. Um delicado do sentir e do pensar, fugiu de manchar as plantas nestes ágoras baratos, onde há

o risco de poluir o carácter, rebaixando-se, ou a inteligência, mentindo-se. A multidão ignora só se a volta para os que não temem sacrificar-lhe, quando seja oportuno, a verdade e o bem em holocausto ao seu Moloch infantil e maligno.

Jogando a palavra em efeitos retóricos tão aventurados por vezes que roçavam pelo preciosismo, jamais caía na pecha dos que tanto se requebram e modulam que se ficam namorados da própria sereia, a escutar-se a si mesmos com afagos de sensualidade solitária; nesse onanismo estéril e vergonhoso nunca se derreou a sua máscula e sincera eloquência.

O que neste extraordinário fraseador sobretudo deslumbrava, a alma mesma do seu discurso, era a mais lata compreensão e variedade que dar-se pode. Possuía uma milagrosa faculdade de associação de ideias, um automatismo mental inigualável. A chamada de uma ideia abalava-lhe a mente até aos últimos recantos; e num relance mágico toda aquela chusma de coisas, similares ou opostas, antitéticas ou dispareas, emparelhadas ou discordantes, ordenavam-se a compasso feérico, e deslisavam céleres e ajustadas no cinematógrafo colorido da expressão.

A esfera intelectual, na rede indestrinçável das nevrinas, era-lhe como complexíssima teia de aranha subtilmente trabeculada: tocando um fio tudo se abalava, a vibração propagava-se até aos últimos filamentos, e a psique sempre vigilante rompia, como a aranha, por todo aquele dédalo direito ao fito.

Sempre vigilante, sim; isento das dormitações de Homero, não sei porque prodígio cerebral, o seu espírito como incansável sentinela, estava constantemente apercebido, sempre armado e sempre em exercício. A cópia verbal que era senão a ejeção deste motu contínuo de cerebração? Tal o espadanar da farinha na mó da azenha a que nunca falta o tanger possante da cal do açude, nem o cereal a cair grão a grão da calha.

Por muito expressivo que seja este símile comesinho, que pinta o trabalho útil e afanoso de Sousa Martins a fabricar e distribuir o pão da ciência, não alcança o lado excepcional e monstruoso até da sua mentalidade.

Há aí o que quer que seja de grandeza por aberração mórbida — uma produção teratológica, um estigma daqueles que a natureza imprime, quando nos seus largos movimentos de balança, em vez de rebaixar o indivíduo à degeneração do infra-homem, o projecta à sumidade do super-homem hipergenerado. Estamos na medicina antropológica e psicopática, capaz de inventar-nos terminologia arrevesada para etiquetar estes desmandos funcionais. Um caso, diria a tabela, de *hiperlogia* ou de *hiperfrásia*, nutrida de um delírio contínuo de concepção ideativa. Sim, talvez que toda aquela loquela, escadeada em ressaltos imprevistos, recortada de surpresas, esmaltada de paradoxos, de imagens e aproximações estranhas, tocada de percepções visionantes e de relanços alucinados, toda aquela mescla demoníaca e fascinadora, talvez fosse um verdadeiro delírio. Mas delírio genial, delírio que explodia e rebrilhava sem consumir, como a sarça ardente de fogo imaculado, por onde o Deus de Moisés se comunicava ao ouvido humano.

Quem tanto e tão bem falou, pouco relativamente escreveu; a posteridade seria defraudada nos quilates dum grande espírito, se o escol dos seus contemporâneos e amigos não tomasse sobre si modelar para os vindouros a sua escultural figura. Reduzida a gráfico, empanava-se o brilho ao discurso; nas linhas escritas mal se vislumbrava a Sibila, o *Est Deus in nobis* do orador inflamado — fenómeno tantas vezes notado em homens eloquentes e particularmente naquele que passa por ter atingido a culminância da oratória portuguesa neste século. Arrefecia o calor nativo, que ele teve a ilusão de supor vivido na homenagem publicada a Pasteur. Até o que tão bem acertava na frase acústica proferida no ardor da improvisação, parece que às vezes desmanchava na frase visual.

Quando pegava da pena, e só de ocasião o fazia, ainda se escorçava o orador, mas não lhe era tão de feição como a língua. Por alevantado que façam o escritor, e não podia deixar de sê-lo, o Sousa Martins escrito, é apenas uma imitação do Sousa Martins falado. Também estranho fora que duplo Prometeu, roubasse o trovão que ressoava na palavra de José Estevão e o raio que coriscava na pena de Camilo.

Parecerá, meus senhores, que neste relancear da individualidade de Sousa Martins, ando só rastejando pelas suas faculdades literárias e artísticas, feito um Brunetièrre subalterno, como se homem não tivera senão um conceito exotérico, e a arte letrada, fora a alta finalidade da sua existência. Artista e letrado, foi-o e refinado e raro; artista de hoje em dia, por diletantismo e compreensão, por gosto estético e alimento intelectual. A nada alheio abria ávido os olhos e os ouvidos a todo esse magnificante cenário, a toda essa colossal sinfonia, em que se desdobra o culturalismo humano actual, tão ousado que parece eclipsar a obra mítica dos titans e abalar lá no alto a grandeza divina.

Mas os seus prodígios de educação e de apreensão, que o punham a unísono com o progresso universal, acorde que só podem rastear os espíritos selectos, as suas virtudes múltiplas ou promanadas duma cultura febril ou ingénitas por natureza feliz, tudo convergia, até nas suas divergências, a um centro comum e unívoco — à MEDICINA.

Todo aquele acúmulo ciclópico de arte e de intelligencia, que figura uma pirâmide faraónica de larga base e sólido aparelho, acuminada em diamante, era sagrado à medicina; lá no íntimo recesso, seu o altar, seus os penates. A medicina, sim, o centro irradiante do seu cérebro, a fibra mais delicada do seu coração.

Amava-a numa obsessão fervente, e nesse amor se resume toda a sua vida de obreiro malogrado; por ela viveu e morreu, como um fanático e um mártir.

Amava-a como *ciência*, — a ciência sem par, digna de

jerarquia que lhe assinou Comte no vértice da enciclopédia de todo o saber — a ciência-mãe que todas fez tributárias e a todas fecundou, porque é o homem físico e mental o ponto de partida e de chegada de todo o conhecimento — a ciência militante por excelência, a mais reverenciada e culta, com um mundo de obreiros a servi-la de contínuo, numa aluvião de descobrimentos e numa produção literária, que à de todas juntas excede.

Amava-a como um sábio e um filósofo; só o seu caudal soberbo lhe podia atenuar a sede do saber e da verdade. Formara na primeira fileira dos seus acérrimos soldados, mas sem posto fixo circulava por todas as trincheiras, onde novos domínios se conquistam. Movia-se resolutamente por esta campanha imensa, onde se alastra numa complexidade e vastidão, quase inabarcáveis, a medicina moderna.

Pasmava-me que ele tivesse tempo e capacidade para aguentar a apojadura diluvial duma ciência que prodigaliza e desbarata de tal forma os seus materiais, que é pretender o impossível o possuí-la toda. Nada o encontrava alheio; engolfava-se logo nas plagas últimas que o andar da patologia descobria e franqueava.

Rompem a nevrologia e a psiquiatria no escudo da experimentação e da observação, talha-se uma patologia nova, fecunda para a clínica e duma larga esfera de aplicações às ciências afins da medicina; Sousa Martins assimila de choFRE toda essa ciência novíssima dos Kraft-Ebing. Ameaça o bisturi vasar as cavidades viscerais, à busca de lesões operatòriamente remediáveis perante a impotência reconhecida dos meios médicos: Sousa Martins apostola a cirurgia aventureira e aprende a contá-la entre os seus indicados terapêuticos, sem favorecer porém os abusos da *vis secundi*. Esboroam-se a fraseologia e os temas da caduca patologia geral: toda a patogénia se reconstrui *abe ímís* pela bacteriologia revolucionária e triunfante: Sousa Martins jura com entusiasmo a religião dos Pasteur e dos Koch.

Compreensão omnímoda, capacidade sem fundo, ele-

vação sem metro, perene renovoamento de espírito — e por sobre tudo, o alado soberbo e a vista aguda, como o condor, que ora poisa a garra na planura, ora fita o sol por sobre as cristas altíssimas dos Andes.

Que ombreasse em eloquência médica com um Paget ou um Virchow, não é pouco; mas ele era quase um Sthal ou um Boerhaave, que no seu tempo abrangia uma faculdade inteira.

E como se fora ainda parco gole este manancial da instrução, não se nutria apenas de coisas médicas; seria faltar aos deveres de uma inteligência ubérrima, aos interesses da própria medicina, que ele engrinaldava bizarramente de filosofia e literatura.

Amava-a como arte. Excedia na habilidade do diagnóstico, a qualidade primacial, com que o grande clínico conquista, segundo diz Bouchard, a admiração dos colegas.

A sua enfermaria do Hospital de S. José era uma romagem; não podia haver clínica mais douta nem mais sugestiva. Prestes e perito na inquirição formava o sumário do enfermo com uma rapidez e uma segurança assombrosa; ninguém despojava um doente, desculpe-se o galicismo, nem com mais método, nem com mais elegância, nem com menos tempo. O diagnóstico saltava firme, passado à fieira duma experiência esclarecida e do conhecimento estreito das modalidades mórbidas.

Tinha a raça dos grandes mestres de clínica, dos Traube e dos Freirichs, expunha com a magnificência dum Trousseau, e perfilava um doente em traço indelével com o pincel dum Aretu e dum Hebra. Todo meticulosidade, todo análise severa a ponto de examinar a urina de qualquer enfermo novo para não cair, como tantas vezes lhe sucedera, dizia, no logro de uma albuminúria latente, coloria todo o seu trabalho com uma galhardia e uma graça inimitável. Ponham um Voltaire, inscrito num Galeno, a fazer clínica, tal me parecia ele.

Com que *vis comica* nos retratava o caso do sacristão

afectado de paralisia saturnina à força de pitadeiar meio-grosso em pacotes de chumbo, ou do pastor, que endoidecera quando um lobo lhe devorou a cabra predilecta com que bestialmente se contubernava.

Tudo uma beleza e uma perfeição, um tesoiro de ciência e arte! O mais impertinente criticaria apenas a precipitação às vezes do processo, a preocupação do último figurino patológico, e enfim aquele matematismo lógico da diagnose e da terapêutica, a facilidade do mestre a inculcar no neófito inexperiente imitações perigosas.

Amava-a até como *profissão*, a ela a mais ingrata e aculeante. Contra as maiores misérias profissionais armara-se ele de todos os arneses. Tinha a fé robusta nos recursos da arte; punha denodadamente em jogo todas as armas da terapêutica, que conhecia e manejava a preceito. Ou vitorioso pela sua estratégia curativa, ou vencido pelas leis inexoráveis da patologia, a voz da consciência indicava-lhe sempre o dever cumprido. Encarniçava-se contra o mal, e toda a sua vida foi uma peleja contra as grandes moléstias extermináveis, o açoite das epidemias e a dízima da tuberculose. À sua propaganda e os seus esforços, dentro da medicina colectiva, da medicina social, são talvez o seu mais belo título de glória profissional.

Sustinham-no a fé e a esperança, impelia-o a caridade. Todo abnegação e misericórdia, compartia das dores alheias. Consagrava-se de corpo e alma ao sacerdócio da redenção do mal; falharia a cura por impotência, mas não a devoção do alívio, a consolação dos aflitos. Visitar os enfermos foi-lhe uma predestinação religiosa, uma fé jurada e inquebrantável. Com que unção e carinho não tratava os pobres enfermos do hospital! Repetia a bondade suavíssima de Cristo a ameigar crianças, a afagar leprosos.

Tudo quanto a palavra pode dar ao clínico para afogar por sugestão os terrores e as fraquezas da doença, toda essa fascinação angélica e minoração de angústias, que o homem acalcanhado pelo mal só a Deus pede e ao médico,

exercia-a Sousa Martins na sublimidade da sua missão providencial.

A quem quer que fosse, sabia ageitar consolações. Recordo-me de Camilo quando à sua ciência recorreu esperançado, dizer-me tempos depois de perda a fé num restabelecimento impossível: «As drogas que ele me faz ingerir, deixam-me na mesma. Ao menos gozo os dias do melhor quarto de hora de cavaco, que tenho encontrado». O grande escritor exaltava o conversador, tão enciclopédico como Diderot e tão colorido como Gautier; e exaltava-o ele que conversara outrora aqui no Porto com dois exemplares raríssimos do médico douto e espirituoso, o Luís António e sobretudo Câmara Sinval.

Este encontro fortuito dos dois, como que nos aproximara também espiritualmente. Entre os meus ídolos, daqueles que todo o homem de affectos intellectuais agasalha no espírito, acolchetei este par — Sousa Martins e Camilo.

Lembram-se que o eminente Manuel Bento de Sousa no célebre panegírico de António Maria Barbosa, que fez estremecer de aplausos a medicina lisbonense, traçou paralelos entre os mestres da cirurgia e os mestres das letras: — Lourenço da Luz compara-o a Herculano, Magalhães Coutinho a Garrett, Barbosa a Júlio Diniz. Não será muito menor temeridade acarear de par um romancista e um médico? Um enquadra as cenas da vida social, outro as da vida mórbida; ambos registam observações, ambos retratam o homem miseravelmente ensarilhado nas aventuras do mundo ou a debater-se nas garras da moléstia.

Daudet, ao oferecer o romance *L'Évangéliste* ao seu amigo Charcot, dizia dedicar-lhe uma observação; o mundo não passa de uma Salpêtrière mais vasta e de mais incongruente patologia. Há páginas no sublimemente bárbaro Tolstoi feitas do estertor dos agonisantes e do dissecar dos cadáveres. Tudo afinal são desmanchos e podridões da triste humanidade; e quando se vai buscar a estrema que aparta os desconcertos morais dos físicos,

não se encontra. E ninguém o sabe tão bem como nós os médicos, os confessores de todos os desvios e desgraças tantas vezes entrançadas na doença. Mais de meia patologia reflecte a crueldade etiológica das emoções cruciantes, das agruras do trabalho, da miséria e dos vícios, das vicissitudes do amor e de todas as paixões empolgantes. Tudo quanto obsedia o homem, vem a estalar numa mazela; e inversamente a sua vida exterior anda travada com a calceta patológica, que ele ou os seus lhe soldam ao artelho ulcerado. Foi por esta brecha luminosa que a medicina, por toda a parte invasora, irrompeu no campo do romance e da história.

São, pois, bem paralelisáveis, podem bem estalonar-se o romancista e o médico, ambos de registo aberto sobre as fraquezas humanas, tão reversíveis umas nas outras que às vezes se fundem na mesma página.

O médico Sousa Martins e o romancista Camilo, acolchetara-os, disse eu, na minha admiração íntima. Um catava os feitios e os vícios da sociedade portuguesa numa observância prescrutadora, o outro esmerilhava todas as espécies e modalidades mórbidas que individual ou colectivamente à flux nos acometem; um e outro se devotaram inteiros à tarefa, sem um dia de descanso, e com tanto ardor que sucumbiram em plena luta, consumido um, pela tísica pulmonar, mirrado o outro pela tísica dorsal; um e outro gozaram do maior poder de expressão atingível pela locução do homem, um a máxima eloquência falando, outro a máxima eloquência escrevendo; um e outro armazenaram colossalmente conhecimentos e saber, numa erudição passmosa; um e outro eram descendentes de Voltaire no desentranhar da graça, no jogar da ironia irresistível; um e outro se mantiveram toda a vida fiéis à sua vocação, sem deserção nem desfalecimento, um dentro da medicina, outro dentro das letras. Ambos de supremo talento, ambos tocados de génio, separava-os a affectividade, um era crente, outro era um scéptico; mas irmanaram-se ainda no destino. Produtos

do torrão natal, o melhor que nele tem desabrochado, um no romance português, outro na medicina nacional, ambos se veriam esculpidos na tábua de oiro dos grandes escritores e dos grandes médicos do universo, se berço lhes não fora esta pequena e estreita pátria portuguesa.

Uma personagem simbólica de Ibsen, Brand, exclama num tom de apóstolo: «Como a árvore que mergulha as raízes na terra, um homem deve apoiar-se no solo natal, se ele não dá alimentos à sua actividade, estéril e condenado fica nos seus actos e palavras». Mais estéril e condenado, direi eu, será aquele que não reverteu palavras e obras ao seio da mãe-comum; que não bicou intemerato o seio de pelicano e do próprio sangue nutriu a sua grei.

Fecundo e exaltado foi, pois, Sousa Martins que tanto rasgou as próprias veias em prol comum. Mestre pela altura do seu valor, mestre pela intensidade do seu trabalho, mestre pela probidade dos seus processos, volveu-se num evangelho de disciplina moral e científica da classe médica portuguesa.

Centro de atracção, fizeram-lhe pleiade discípulos seguidores; consolidou-se naturalmente uma hegemonia tão espontânea no chefe, como nos adeptos; e a falange marchou doravante ao som daquela palavra de profeta, guiadora como a coluna de fogo para a terra de promessa.

Ao homem que, perguntando quem seja, responder com o *ninguém* de Frei Luís de Sousa, se humilde, é um honesto trabalhador, se grande, já nem há termo que qualifique a simplesa imponente da sua magestade. Orientador geral dos espíritos por *vis insita* e por corrente inevitável, não há que imaginá-lo de sólio e ceptro, ele tão modesto e sincero, ele o inimigo desapiedado do desenfreio dos pedantes. Aos vendilhões do templo, que se acotovelam no supedâneo de Hipócrates a agarrar um traço de glória postíça para amoe-dá-lo em ganâncias torpes; o mestre não os enxotou a braço forte com o tagante das cóleras exterminadoras: mas

lanhou-os com o sarcasmo cru e salteou-os entre risonho e indignado na polé da ironia.

Com que finíssima graça me dizia, há anos, ao unhar estes títeres que desmancham em contorsões a ver se apanham a notoriedade e a espórtula: «Os exhibicionistas de Lasègue não são só os que amostram as partes genitais; há também exhibicionistas das partes cerebrais, ratões que andam com as circunvoluções à dependura a forçar a admiração das gentes, e arremetem furiosos às punhadas contra os que se arredam de tal impudência».

A estátua de Sousa Martins aí fica erecta como paládio vingador contra essa raça funesta de charlatães com ou sem talento, que por aí voga, como cabeça de Meduza que não podem afrontar os dragões rompentés.

Se é uma deontologia viva a sua biografia inteira, se ensinou e professou a modéstia, a direitura de ânimo, não menos arcou com o esforço supremo de projectar a medicina da sua terra nas calhas do progresso. Este ressurgimento, que, há perto de vinte anos, se opera auspicioso na ciência portuguesa, a ele mais do que a ninguém se deve, diga-se bem alto, a Sousa Martins, o reformador denodado. Ansiava por nivelar-nos com os planos donde vem toda a luz, que tão esmorecida e tardia cá chegava. Ninguém, como ele, compreendeu a gravidade deste momento histórico em que a medicina se ia de tal arte atrazando, que fazia pensar em tempos outros, quando ficáramos sequestrados numa imobilidade nociva e ridícula.

Expressarei quanto ele marcou na estrada do progresso, dizendo que na evolução médica portuguesa deste século há dois períodos: abre o primeiro Manuel Constâncio, e rompe o segundo Sousa Martins, os dois pioneiros que rasgaram a Portugal o rego caudaloso e fecundante da ciência.

Seja com a consciência deste início cíclico que se soerga o bronze modelado à testada da Escola de Lisboa. Mas seja um dos humbrais do seu pórtico; o outro, porque não hei-de

dizê-lo? — pertence — todos adivinham a quem — a Manuel Bento de Sousa. Façam *pendant* os dois, os Castor e Pollux do nosso firmamento médico.

Cabouquem-lhe os alicerces, alcem-lhes as frentes grandiloquas, fitem-nos como dois pilones gigantescos no ádito dum templo; e saibam que um século será pouco decurso para que da nossa pátria médica desabrochem duas cabeças assim!

Em belo pensamento disse Aristóteles, que a dignidade dum ente se afere pela grandeza da sua tarefa e aumenta com a extensão dos seus deveres. Krischna no Marahbarata preceitua que há a executar a obra a cada um designada na terra, conforme a posição, e a cumprir o dever social, indiferente ao mérito das coisas terrenas.

Se a verdade eterna fala pela boca dos imortais fautores da sabedoria, que tentaram guindar o homem até ao ser infinito, como meta das suas aspirações mais elevadas, à luz de tal verdade que alumiou uma vida, esse que passou, é em toda a força moral, social e religiosa do termo, um justo e um eleito; é daqueles em que o barro humano emerge do lodo da terra e se transubstancia na essência superior e indefinível dos que povoaram a summa série dos heróis, dos agiologios e dos grandiosos vultos da humanidade.

Outrora a nossa profissão, à moda de todos os misteres medievais, tinha patronos canonizados, os prístinos colegas que levaram de par as palmas da arte e as do martírio cristão. O vento iconoclasta varreu as imagens obsoletas; mas o ideal não morre, e hoje nossos oragos profanos serão aqueles que mais alto professaram a religião da medicina, a religião da sua ciência, a religião da sua caridade.

Sousa Martins, ente superior dum país e duma classe, seja agora o nosso unguido; e em comunhão contracta enderecemos-lhe esta saudação que é um voto e um

credo, e prece mesmo se os espíritos redivivem no divino pleroma.

Bendito seja o teu nome, que foste um sábio e um santo — Venha a nós o teu reino da verdade e da virtude. — Faça-se a tua vontade, o ideal da nossa ciência e da nossa profissão. — Ensina-nos a ganhar o pão nosso de cada dia honradamente e de consciência limpa. — Livra-nos de todo o mal, desde o que de dentro de nós nos trai as intenções, ao que de fora iniquamente nos persegue. — E antes de adormecermos como tu no sono eterno, que nos toque uma partícula da graça infinda, que fez de ti um bemaventurado.



medo, e para mesmo se os espiritos redivitem no divino  
placido.

Responde seja o teu nome, que foste um sábio e um  
santo — Venha a nós o teu reino da verdade e da virtude. —  
Faze-nos a tua vontade, o ideal da nossa ciência e da nossa  
justiça. — Ensina-nos a ganhar o pão nosso de cada dia  
honestamente e de consciência limpa. — Livra-nos de todo o  
mal, desde o que de dentro de nós nos traz as intenções, ao  
que de fora iniquamente nos persegue. — É antes de ador-  
armos-te como tu no céu eterno, que nos toques uma  
vez com a graça infusa, que fez de ti um bemaven-  
turado.

N.º 11

## BIBLIOGRAFIA LITERÁRIA

dos

Serviços de Bibliografia Científica

do

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA





RÓMULO



CENTRO DE CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

\*132972489X\*

BIBLIOGRAFIA  
LITERÁRIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DOS SERVIÇOS DE BIBLIOGRAFIA  
CIENTÍFICA DO INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Rua Nova do Almada, 71 — LISBOA

Volume I

Número 11

